

ANTIGAS ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS E PARALEXICOGRAFIA NO SÉCULO XVIII

Maria Filomena GONÇALVES¹

- RESUMO: Neste trabalho procura-se analisar dois vocabulários setecentistas (Feijó, 1734; Monte Carmelo, 1767) enquanto exercícios de paralexiconografia ou de lexicografía não explícita. Com o objectivo de avaliar o contributo desses inventários para a história da lexicografía e da lexicologia, são destacadas duas vertentes: a estrutura interna dos inventários lexicais e as entradas lexicográficas resultantes da assimilação de dados culturais de diferentes procedências.
- PALAVRAS-CHAVE: Ortografia; lexicografía; léxico; paralexiconografia; micro-estrutura; terminologia.

Preâmbulo

Le discours lexicographique, quels que soient les domaines d'usage des mots, est institué et informé par du discours social, voire historique.
André Colinot e Francine Mezière, *La définition*, 1990, p.247.

No domínio da história da lexicografía, para além dos dicionários propriamente ditos, revestem-se de particular interesse outras formas de conspecto lexical, cuja função numa dada época se assemelhava à daqueles, embora não fossem apresentadas com esse objectivo, e não assumissem explicitamente o papel atribuído tradicionalmente aos dicionários. Referimo-nos às listas ou catálogos lexicais que, incluídos em obras metaortográficas, nas quais se propunha um determinado sistema gráfico, serviam de ilustração ou de correcção de certos usos gráficos: tal é o caso da *Orthographia, ou Arte de escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa* (1734), de João de Morais Madureira Feijó, e o *Compendio de Orthographia Portuguesa* (1767), de Frei Luís do Monte Carmelo, obras que, numa recente sùmula da história da lexicografía portuguesa (Verdelho, 1994), foram incluídas entre as produções lexicográficas portuguesas, verificando-se o mesmo em outros trabalhos (Messner, 1994a).

¹ Departamento de Lingüística e Literaturas – Universidade de Évora – 7001 Évora codex – Portugal.

Das soluções patententes nos dicionários antigos, constata-se a existência de vários constrangimentos ortográficos e tipográficos que neles terão deixado as suas marcas. A esse respeito, Catach (1971, p.20-5) enumera os diversos aspectos lexicográficos de natureza gráfica, como o facto de o dicionário ser uma publicação colectiva que obedece a uma montagem: seguir uma ordem alfabética e incorporar variantes gráficas e remissões internas. Precisamente a propósito da ordenação alfabética, observa aquela autora (Catach, 1971, p.22), citando Bernard Quémada: "*La présentation alphabétique des adresses suppose l'existence préalable d'une orthographe fixée ou d'un système de conventions défini. Or, ni l'un, ni l'autre, ne se trouvaient établis lors des premières réalisations orthographiques*".

Apesar das óbvias relações entre a ortografia e os antigos dicionários, devidas às implicações daquela sobre o formato destes, a verdade é que, pelo tipo de estrutura e de informação compreendida nas entradas, essas séries ordenadas alfabeticamente ultrapassam em muito as características do vocabulário ortográfico, constituindo, por isso, fontes relevantes tanto no terreno da lexicografia, na qualidade de exercícios paralexográficos ou de lexicografia não explícita, como no terreno da lexicologia, factos que já sublinhámos em outro trabalho (Gonçalves, 1990a). Pertencentes a uma época de grande "efervescência lexicográfica", quer bilingue, quer unilingue, aqueles dois compêndios destacam-se das obras similares (Ortografias, Compêndios, Artes etc.) precisamente pela sua peculiar estrutura, da qual ressalta o aparatoso conjunto de exemplos, de inestimável valor linguístico e de riqueza lexicológica, se bem que o segundo – o *Compendio de Orthografia*, de Monte Carmelo – seja consideravelmente mais rico e diversificado do que o primeiro, que lhe havia fornecido o modelo estrutural.

As obras metaortográficas constituem fontes preciosas para o conhecimento de muitos aspectos da história da língua, do mesmo modo que fornecem materiais imprescindíveis para a historiografia da língua portuguesa em geral. É nesse sentido que temos vindo a debruçar-nos sobre os antigos ortografistas e gramáticos portugueses, tentando fazer luz sobre alguns aspectos da antiga pronúncia (Gonçalves, 1990b, 1995), sobre os antigos sistemas gráficos (Gonçalves, 1991, 1992b, 1992c, 1994), sobre a pontuação (1992a).

Porém, aqui examinaremos tão só a estrutura dos conspectos lexicais patenteados pelos dois ortógrafos setecentistas, bem como o seu valor linguístico.

1 Os autores e suas obras

Antes de adentrarmos nas obras, vejamos alguns dados biobibliográficos dos dois ortografistas. João de Morais Madureira Feijó (1688-1741) era natural da região de Trás-os-Montes (S. Gens de Parada, Bragança); jesuíta egresso e bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra, foi prior de Ançã, uma vila daquele distrito, e mestre de D. Pedro de Sousa Tavares (cf. Silva, 1859, v.3, p.422-5), irmão do

duque de Lafões, um dos principais fundadores da Real Academia das Ciências. Seguidor do método gramatical de Manuel Álvares, publicou uma *Arte Explicada* (1732?), em três partes, que viria a ser proibida por Alvará Régio, juntamente com os restantes manuais escolares adoptados nos estabelecimentos de ensino da Companhia de Jesus, após a expulsão dos jesuítas em 1759. Em 1734, sai dos prelos a primeira impressão da *Orthographia, ou arte de pronunciar com acerto a lingua portugueza. dividida em tres partes. a 1ª de cada uma das letras, e da sua pronunçiação; das vogaes e dithongos; dos accentos, ou tons da pronunçiação. A 2ª, de como se dividem as palavras; da pontuação; algumas abbreviaturas, conta dos romanos, e latinos, Calendas, Nonas, e Idos. A 3ª, dos erros do vulgo, emendas da orthographia no escrever e pronunciar toda a lingua portugueza. Verbos irregulares, palavras dubias, e as suas significações. Uma breve instrucção para os mestres das escholas* (Lisboa, Miguel Rodrigues). Esta obra registará reimpressões em 1739 (2ª: Lisboa e Coimbra), 1781, 1786, 1814, 1815, 1818, 1824, 1836 e 1861 (nova edição), ocupando por isso um lugar destacado no quadro dos textos metaortográficos até meados do século XIX. Para a localização dos exemplos, de ora em diante seguiremos a paginação da segunda edição (Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1739).

Quanto a Frei Luís do Monte Carmelo, pouco sabemos da sua biografia: era carmelita descalço e deputado da Real Mesa Censória, criada em 1768; natural de Viana do Castelo (naquela época, Viana do Minho), na região do Alto Minho, chamar-se-ia Luís Cláudio; ignorando-se a data do seu nascimento, terá morrido em 1785 (cf. Silva, 1859, v.5, p.309).

À semelhança da *Orthographia*, de Madureira Feijó, o *Compendio de Orthographia Portugueza* do carmelita apresenta um título bastante extenso, mas, ao invés daquela, apenas teve uma impressão, em 1767 (Lisboa, na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo):

Compendio de Orthographia, com sufficientes catalogos e novas regras, para que todas as provincias e dominios de Portugal possam os curiosos comprehender facilmente a orthologia e prosodia; isto é, a recta pronuncia e accentos proprios da lingua portugueza. Accrescentado com outros novos catalogos, e explicação de muitos vocabulos antigos e antiquados para intelligencia dos antigos ezcriptores portuguezes; e de todos os termos vulgares menos cultos e mais ordinarios, que sem alguma necessidade não se devem usar em discursos eruditos; das phrases e dicções comicas de mais frequente uso, as quaes sem um bom discernimento não se devem introduzir em discursos graves ou serios; e finalmente dos vocabulos e diversos abusos da plebe, mais conhecidos e contrarios ao nosso idioma, os quaes sempre de devem corrigir ou evitar.

Quer a descrição pormenorizada quer a extensão destes títulos, que quase funcionavam como índices analíticos, manifestam a sobrevivência do gosto e do espírito barrocos, amplificadamente plasmados no *Vocabulario Latino-Portuguez* (1712-1728), de D. Rafael Bluteau. Na verdade, o gosto pela referência circunstanciada

aos aspectos essenciais do conteúdo da obra constitui um tópico ideológico-formal do século XVIII que se traduzia, entre outros aspectos, na exibição dos méritos das obras e da erudição dos autores. Não é de mais lembrar que nesse mesmo século vieram à luz, para além do já referido *Vocabulario Latino-Portuguez*, de Bluteau, o *Diccionario da Lingua Portuguesa* (composto pelo Padre D. R. Bluteau, reformado e acrescentado por Lisboa, Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789), de A. de Moraes Silva, e o primeiro e único volume (Letra A) do *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, publicado pela Academia Real em 1793. Em pleno século de grandes e importantes produções lexicográficas, os vocabulários apresentados pelos dois ortografistas como ilustração do sistema gráfico por eles propugnado, apesar de não constituírem inventariações gerais do léxico, assumem um valor que os eleva à condição de exercícios paralexográficos e, inclusivamente, terminográficos, como adiante comprovaremos (2.2.1).

2 Lexicografia e ortografia

As listas de palavras fornecidas por Madureira Feijó e Monte Carmelo conferem às obras em que figuram um estatuto diferente da exemplificação habitualmente incluída em produções congêneres, devido ao facto de apresentarem uma micro-estrutura que as enriquece e transforma em vocabulários, facto que se verifica, desde logo, no formato ou disposição das entradas. Assim, no que à chamada macro-estrutura se refere, é de salientar não apenas a tradicional ordenação alfabética, com os lexemas começados em <I> e <J> na mesma lista, por questões de ordem ortográfica que se prendem com uma recente diferenciação tipográfica de tais grafemas, mas também que os lexemas das entradas aparecem em itálico, seguidos da respectiva definição, em tipo normal. Por outro lado, os ortografistas estabeleceram igualmente uma rede de relações entre as entradas, isto é, construíram um sistema de remissões, ainda que incipiente e pouco alargado. Em ambos os manuais, a marca formal das remissões consiste na apresentação da expressão *Vide*, por extenso ou abreviada (*Vid.*), a respeito da qual diz Monte Carmelo: “*Vid.* he abbreviatura de *Vide*, ou *Videatur*, isto he, *Vê*, ou *Vêja-se*” (*Explic. de Abbrev.*). Regra geral, as remissões estabelecem conexões entre formas semanticamente equivalentes ou afins, indicando também as variantes de certas palavras, bem como o parágrafo e a página em que se localizam essas formas; já as variantes gráficas costumam ser, pelo contrário, indicadas na mesma entrada e ligadas por uma disjuntiva (*ou*). Vejam-se exemplos das duas situações: “*Bufâm*, e *Bufonária*. *Chocarreiro*, *Histriam*, e *Chocarríce*. **Vid. Goliardo**” (p.184); “*Górár-se*. He *Corrompêr-se* o ovo. **Vid. Gôro** §10. N.9. Metaforicamente he *Nam se-lograr*, ou *Nam sortir effeito*” (p.130); “*Dêus*, **ou** *Dêos*” (p.90); “*Bestûnto*, **ou** *Bistûnto*. Com. He instincto, Senso, raciocínio” (p.170); “*Brasil*, **ou** *Brazil*. Regiâm da América descoberta por Pedro Alvarez Cabral em 3. de Maio de 1500. Tem 14. Capitaniâs, ou Provincias” (p.181); (p.180); “*Caboqueiro*, **ou** *Cabouqueiro*, *os*. Official, que arranca pedras. O R. P. Doutor D.

Rafael Bluteau julga mais proprio *Cavoqueiro* de Cavar; mas resiste o uso quasi universal" (p.188).

Por último, saliente-se o intuito normativo ou correctivo que presidiu à elaboração das listas: se no manual de Feijó elas são anunciadas com o título "Erros da pronunciaçam do vulgo com as suas emendas em cada letra", apontando, portanto, para objectivos ortoépicos, já no compêndio do carmelita, o escopo ultrapassa a mera correcção dos defeitos da pronúncia, como se vê, primeiro, pelo título das listas – "Dos Vocabulos antiquados, antigos, Vulgares, e Cómicos, como tambem dos Vícios, ou abusos mais ordinarios da Plebe destes Reinos, e de suas Correcções assim na Orthologíã, como na Orthografia" (p.500) –, e, depois, pela informação contida nas entradas. De facto, em consonância com o conceito de variação e de mudança lingüísticas vigentes na época setecentista, os dois ortografistas conferem às formas incluídas nas entradas o estatuto de "erros" (Feijó), "vícios" ou "abusos" (Monte Carmelo), cujas "emendas" são o objectivo perseguido pelos autores. No entanto, divergem ambos quanto à estratégia de apresentação de uns e outros: Monte Carmelo aponta em primeiro lugar os "abusos", à esquerda, dando a seguir as "emendas", ao passo que Madureira Feijó faz o inverso, isto é, mostra primeiro as formas correctas, às quais faz corresponder determinadas formas incorrectas, registadas à direita daquelas. De qualquer modo, os ortógrafos fazem uma distribuição vertical, em colunas, da série dos usos normativos e dos não normativos.

Do ponto de vista do valor informativo como do ponto de vista formal, quer dizer, no respeitante à organização da micro-estrutura, os catálogos de Monte Carmelo revestem-se de particular interesse devido à variedade dos dados fornecidos.

2.1 A micro-estrutura

A estrutura das entradas de Monte Carmelo é relativamente diferente da adoptada por Feijó, visto que o primeiro integra maior diversidade de informação que o segundo: assim, enquanto o carmelita introduz informação respeitante ao nível de língua e à vigência do lexema da entrada, assim como à sua definição semântica, ao nível de língua e ao domínio do uso, Feijó fornece em regra indicações de ordem ortoépica, como o lugar da sílaba tónica, por exemplo, às quais acrescenta umas vezes, se bem que não tão frequentemente quanto o anterior, um paradigma definicional, e, outras vezes, dados referentes ao registo ou ao domínio do uso. A informação gramatical é reduzida em ambos, ao invés do que sucedera por exemplo no *Diccionario da Lingoa Portuguesa* (v.I, letra A), publicado quase no final do século XVIII, cujas macro e micro-estruturas se revestem de uma extraordinária modernidade em matéria de concepção e formato lexicográficos (Gonçalves, 1993), precisamente pela inclusão da gramática no dicionário.

Sem nos determos particularmente nas variantes gráficas e de pronúncia (por exemplo *Cereija*, ou *Cereja*, as. Daqui *Cereijera*, ou *Cerejeira*, p.252), vamos focar

sobretudo o valor da informação prestada pelas entradas, com especial destaque para as que fazem referência a realidades ou produtos de carácter exótico (3.1).

No que respeita à variedade tipológica da micro-estrutura, verifica-se que as listas de Madureira Feijó são menos abundantes em paradigmas do que as do ortógrafo carmelita, uma vez que Feijó apresenta basicamente três tipos de estrutura: 1. lexema + paradigma definicional; 2. lexema + paradigma ortoépico; 3. lexema + paradigma ortoépico + paradigma definicional e/ou paradigma terminológico, e/ou paradigma etimológico, sendo possíveis algumas variantes. Para cada tipo de micro-estrutura vejam-se os exemplos seguintes: 1. *Beringelas*, fructo de certa planta (*Orthographia*, p.226); *Beijuim*, ou *Beijoim*, certa goma cheirosa (p.225); *Delphim*, ou *Delfim*, peixe do mar; e o titulo do Primogenito del Rei de França (p.268); 2. *Duçura* Duçura (p.281); *Reata* das bestas – Riata (p.461); 3. *Códice*, pen. br. termo das Universidades. He hum papel, em que ao respondente se daõ as impugnaçoens, e respostas (p.243); *Nogueira*, e naõ Nogueira, arvore, e appellido (p.412); *Seringa*, ou *Syringa*; e naõ Xiringa; porque no Latim se diz Syringa, e deriva-se do Grego Syrigx (p.486).

Quanto às estruturas apresentadas por Monte Carmelo, são de destacar as seguintes, que admitem variações resultantes do cruzamento desses modelos, como no caso precedente: 1. lexema + paradigma gramatical; 2. lexema + paradigma definicional; 3. lexema + paradigma de uso e/ou terminológico (e vice-versa); 4. lexema + paradigma de uso e/ou terminológico + paradigma definicional; 5. lexema + paradigma ortoépico. Destes, os mais freqüentes são os tipos 2, 3 e 4. Vejam-se os exemplos: 1. *Bajûs*, us (*Compendio*, p.156); *Bazar*, es (p.165); *Ambos*. Adject. (p.151); 2. *Bantâm* Cidade da India, e Capital da Ilha de Jáva (p.159); *Bantim* Embarcação (p.159); *Bainilha* Planta da America Hespanhóla, da qual o fructo se-mistura no chocolate (p.155); *Bengâla* Paiz da India (p.168); 3. *Escafeder*. Com. Fugir occultamente com temor, ou Fugir acceleradamente (p.584); *Embatucar*. Com. fazer calar, convencer totalmente, Emmudecer, &c. (p.576); *Espalhafato*. Vulg. Dispersam, Dissipaçam, &c. (p.590); *Esquentár-se*. Pleb. Irár-se. he fazer-se quente sem ira (p.590); 4. *Bróque*, es. Instrumento de Fundidor para acender o fogo, com que se-derrete o metal (p.183); *Subbastar*. Jurid. Vender em leilâm (p.220); *Transubstanciaçam*, oês. Theol. Conversâm, ou Transmutaçâm de hũa substancia em outra, como he a do pâm, e vinho em Corpo, e Sangue de Christo N. Senhor na Eucaristia (p.224); 5. *Tegela*. Pleb. Tigéla (p.697); *Tumate*. Pleb. Tomate (p.709); *Verdial*. Pleb. Verdeal (p.711); *Vigurar*. Pleb. Vigorar (p.713); *Urthografia*. Pleb. Orthografia (p.717); *Ustentar*. Pleb. Ostentar (p.717).

Finalmente, importa sublinhar a intervenção de dados lexicológicos, a saber, a formação de palavras, designadamente a referência aos derivados construídos a partir de uma base, isto é, o lexema da entrada. Destacados em itálico tal como a base respectiva, os derivados são anunciados pela expressão "Daqui", sempre separada do restante enunciado por um ponto, como se verifica em "*Aborrecer. Daqui* Aborrecimento, Aborrecível, Aborrecida, &c." (p.147); "*Ceváda, as. Daqui* Cevadeira, Cevadal, &c." (p.253); "*Pescôço, os. Daqui* Pescoçâm, Pescoçada" (p.279);

"Peçonha, as. **Daqui** Peçonhenta, e Peçonhosa" (p.279); "Trapáça, as. **Daqui** Trapaceira, Trapaceiro, Trapaçaria" (p.288).

Parece, pois, evidente que os vários tipos de micro-estrutura aplicados por Frei Luís do Monte Carmelo incorporam uma considerável carga informativa, oferecendo-nos inclusivamente alguns dados relevantes para a história do léxico, em especial no tocante ao vocabulário exótico (3.1) e bem assim do vocabulário técnico-científico (2.2). Antes de explicitarmos mais estes aspectos, atentaremos, porém, na forma como são introduzidas as referências aos níveis de língua, por um lado, e aos domínios de uso, por outro. Com respeito aos primeiros, é de sublinhar a importância que Monte Carmelo atribui a este paradigma no âmbito da micro-estrutura do seu conspecto lexical. De resto, o próprio ortografista define cada um dos níveis de língua indicados, abreviadamente, no enunciado lexicográfico. Na *Explicação dos Vocabulos Latinos, e Portuguezes abbreviados, que se encontram no seguinte Prologo, e Compendio*, a anteceder a explanação da matéria ortográfica propriamente dita, o autor faz uma interessante descrição dos registos sócio-culturais, por vezes de grande subtileza, assim como dos usos cronológicos ou temporais (a vitalidade ou a obsolescência dos vocábulos), distribuídos numa paleta gradativa. Em conformidade com isto, o ortografista identifica e define os níveis de língua e usos reproduzidos a seguir:

1. "**Termo Antigo**, isto he, proprio do segundo dialecto da Lingua Portugueza, o qual durou desde o tempo do Rei D. Dinis até o tempo do Senhor rei D. Joam IV ...";

2. "**Termo antigo**, e vulgar, do qual ainda usa o *Vulgo*, ou pessoas doudas menos cultas; pelo que poderá ter lugar em conversações, ou Escritos ordinarios, e tambem nos eruditos, quando explicar bem o conceito";

3. "**Termo antigo**, e *Plebeu*, isto he, do qual ainda usa a *Plebe*, que nam se ha-de imitar";

4. "**Termo antiquado**, isto he, proprio do primeiro Dialecto do Idioma Portuguez, o qual Dialecto durou até o tempo do Rei D. Dinis. Os Termos antiquados hoje menos perceptíveis, se-explicam neste *Compendio* para intelligencia dos Escriutores antigos Portuguezes";

5. "**Termo pouco usado**, do qual hum Orthólogo nam deve usar sem necessidade algũa";

6. "**Termo Familiar**, ou proprio de amigos, o qual coincide com *Termo Cómico*";

7. "**Termo Cómico**, que só póde ter uso em Materias brulescas, v.g. comedias, e Actos semelhantes, ou em Conversações, e escritos entre particulares amigos para honesto divertimento; mas nunca em Materias graves, ou serias, quando a Prudencia nam dicte o contrario algũa vezes";

8. "**Termo Vulgar**, de que ordinariamente usam pessoas graves, aindaque menos eruditas. destes *Termos Vulgares* póde usar o Orthólogo, quando for conveniente, paraque explique o seu *Conceito* com energia";

9. "**Termo Plebeu**, do qual nam deve usar hum Orthólogo. Neste *Compêndio* se-distingue do *Vulgar* o *Termo Plebeu* conforme a sentença de alguns Eruditos, ou para maior clareza; aindaque nam foi possível distinguir sempre estes *Termos*";

10. "**Termo Rústico**, ou proprio de Agricultores".

Aos registos e usos acima apontados, no *Compendio de Orthografia* acrescenta-se ainda uma definição de gíria, cuja ilustração denuncia a primitiva vinculação deste nível de língua a determinadas actividades marginais:

"*Gírea*. Pleb. **Gíria**, ou **Gira**. he Linguagem de marotos, ou bréjeiros. Os mais conhecidos termos da *Gira*, ou *Gíria*, sam os seguintes: **Arames**, que significa *Espada*. **Artife** he Pam. **Avezar** he *Estar*. **Bastos** sam *Dedos*. **Bóla** he *Cabeça*. **Baúca** he *Taberna*. **Batuqueira** he *Tabemeira*. **Calcorrear** he *Correr*. **Calcos**, sam *Sapatos*. **Calmar** he *Espancar*, ou dar *Pancadas*. **Catropéo** he *Cavallo*. **Cria** he *Came de Vacca*. **Cachimbos** sam *Pés*. **Cazebre** he *Casa*. **Criar** he *Conseguir*, e *Posuir* alguma coisa. **Chêta** he *Vintem*, ou *Dinheiro*. **Dez Bófas** sam *Dez réis*. **Encanhas** sam *Meias*. **Falso** he *Lenço*. **Fáxo** he *Pao*. **Gábio** he *Chapéo*. **Galga** he *Fome*. **Gizar** he *Furtar*. **Ganchorra** he *Mão*. **Ganiços** significa *Dados*. **Gao** he *Piolho*. **Giropa** he *Caldo*. **Golpe** he *Algibeira*. **Gris** he *Frio*. **Janizaro** he *Magano*, *Tunante*. **Jorna** he *Vagar*, v.g. **Estou de jorna**, *estou de vagar*. **Jornando**, v.g. **estou jornando** significa *Nam quero sahir*, *Nam quero movêr-me*. **Justa** he *Casaca*. **Lima** he *Camisa*. **Marco**, que se-aveza he *Homem*, *que está presente*. **Minas de caroço** he *Muito*, ou *Muita fazenda*, &c. **Monteira** he *Carapuça*, *Barrete*, &c. **Pira** he *Cama*. **Pio** he *Vinho*. **Púrrio** he *Bêbedo*. **Rafa** he *Fome*. **Rafar** he *Sumir*, *Furtar*. **Rede** he *Capa*, ou *Capote*. **Rifar** he *Furtar*. **Roda** he *Tostâm*. **Rustir** he *Comer*. **Safar** he *Sumir*, ou *Furtar*. **Surrar** he *Furtar*. **Tardar** he *Vestido*. **Tiba** he *Faca*. **Tirantes** he *Calções*" (p.613-5).

2.2 Terminologia e domínios

Se a segmentação da estrutura dos enunciados lexicográficos em paradigmas é fácil de estabelecer, não é menos visível a emergência de uma terminologia, patente nas referências a certos domínios de actividade técnico-científica e profissional que introduzem, como é característica distintiva da terminologia (e da terminografia), restrições semânticas pela delimitação de campos de referência. Na verdade, a exercitação terminológica manifesta-se, concomitantemente, pela menção do domínio, pela referência aos *termos* específicos de um dado sistema ou microsistema, associados a uma definição sintética, que os segue, estrutura enunciativa, que é equacionada por Alain Rey da maneira seguinte: "*les mots définition et terme sont liés par un trait commun: ils désignent à l'origine l'assignation d'une limite, d'une fin et son résultat. Au plan notionnel, pour qu'un nom ait droit au titre de terme, il faut qu'il puisse, en tant qu'élément d'un ensemble (une terminologie), être distingué de tout autre. Le seul moyen pour exprimer ce système de distinctions ré-*

ciproques est l'opération dite définition".² As três condições – termo, domínio e definição – enformam o chamado triângulo terminológico (Bessé, 1990, p.255), vinculado a determinado conceito, concorrendo as três para a índole terminológica de uma percentagem significativa das entradas apresentadas pelos ortografistas.

Quanto aos domínios de uso de alguns termos, Monte Carmelo fornece também a lista das abreviaturas usadas nos enunciados lexicográficos, dos quais ressalta o reconhecimento de um vasto leque de domínios técnico-profissionais, científicos e culturais, numa incipiente manifestação de terminologia ou terminografia que, nestas obras, encontra uma forma de exercitação, à semelhança do que temos vindo a constatar para o caso da lexicografia. De facto, são muitos os domínios mencionados pelo ortografista: Anatomia, Aritmética, Armaria (isto é, Heráldica), Botânica, Astrologia, Astronomia, Cirurgia, Filosofia, Gramática, Retórica, Farmácia, Forense, Jurisdição, Lógica, Marítimo, Matemática, Medicina, Poético, Militar, Música, Náutica, Teologia e Volataria ou Altanaria. A propósito destes domínios, importa referir que em todas as épocas a terminologia e a sociedade interagiram numa relação dinâmica de adaptação e regeneração.³

Tal como Monte Carmelo, Madureira Feijó havia já introduzido alguns domínios nos seus enunciados lexicográficos, sobressaindo, entre outros, o Forense, os da Medicina, Astronomia, Armaria (Heráldica), Geometria e Retórica, embora o autor não tenha proposto explicitamente qualquer classificação e não tenha sido tão sistemático e exaustivo quanto o carmelita. Ainda assim, na *Orthographia*, de Madureira Feijó, deparamos, por exemplo, com as definições terminológicas seguintes:

"**Espátula**, pen. br. entre Botucarios, instrumento de páo para mesclar xaropes." (p.304)

"**Estibórdo**, e Bombordo, termos de navio: o Estibordo he o lado da parte do vento, que vai levantando; Bombordo he o outro lado " (p.309)

"**Fila** na Milicia, os soldados postos por ordem, hum adiante do outro. Caens de fila os que se lançaõ aos bois." (p.325)

"**Fresquêta** na Imprensa he huma grade guarnecida de pergaminho, para não çujar a folha que se tira." (p.332)

"**Intemperamento** na Medicina o excesso, ou vicio de alguma das quatro qualidades " (p.363)

"**Isóceles** na Geometria o triângulo, que tem dous lados iguaes, e hum desigual." (p.368)

"**Limbo** na Astronomia he a extremidade do globo do Sol, ou Lua, o lugar, aonde estaõ os mininos, que morrem sem baptismo." (p.379)

"**Lipothymia** na Medicina a falta de espiritos." (p.380)

"**Revelia**, termo, de que usa a pratica Forense, e a Ordenaçãõ, quando o Réo não apparece por omisaõ ou contumácia; e vale o mesmo que *Rebeldia*, assim como *Revél*, o mesmo que rebelde, e por isso senãõ deve dizer Reveria, como alguns querem emmendar, mas *Rebelia*." (p.469)

2 Cf. Terminologie: noms et notions, Coll. "Que sais-je?", Presses Universitaires de France, 1979, apud Centre d'Etudes du Lexique, 1990, p.253.

3 A este propósito, sublinha Bruno de Bessé (1990, p.254): "*La définition terminologique se réfère à la culture de la communauté à laquelle elle s'adresse. Elle est liée au développement des connaissances scientifiques, des structures idéologiques et aux archéologies du savoir*".

"**Rompênte** na Armária se chama a cabeça do leão, ou de outro animal, que no alto do escudo vem sahindo. Também se diz das garras, e unhas dos animaes, que vem sahindo, ou rompendo, ou do leão posto em pé. e melhor se dirá Rumpente, por ser palavra derivada de Rûpens." (p.473)

"**Trópicos** na Astronomia são dous circulos, hum para o Polo Arctico, e outro para o Polo Antartico, dos quaes começa a retroceder o Sol." (p.527)

Do mesmo modo, 33 anos antes de Monte Carmelo, Feijó havia já proposto, de forma sumária e sem exemplificação, uma definição do conceito de gíria: "Gira, vulgarmente Gíria: a linguagem de marotos" (p.341).

3 Ortografia, léxico e cultura

Da leitura das listas de vocábulos aduzidas pelos dois ortógrafos, rapidamente nos apercebemos de que, à semelhança do que sucede em qualquer dicionário, antigo ou moderno, a prática lexicográfica se entrelaça com as vivências e as práticas sociais e culturais, dando-nos conta da evolução destas, embora não se desenvolvam ao mesmo ritmo, ou seja, na maior parte dos casos e em virtude da sua natureza escrita, o dicionário sanciona *a posteriori* vocábulos e termos cuja circulação ou expansão é anterior. Isso não obsta, de todo o modo, a que o dicionário represente uma das principais memórias lexicais e linguísticas, vantajosa e economicamente ordenada de forma alfabética, ao mesmo tempo que reflecte o estado da cultura, das mentalidades, das ideologias dominantes, pondo de manifesto as relações destas com a língua. A história dos dicionários, não menos do que a história do léxico, oferece-se ao historiador como cadinho de múltiplas reflexões.

3.1 Léxico e culturas extra-europeias

Das exemplificações de Feijó e de Monte Carmelo, saltaram-nos particularmente aos olhos as entradas referentes a realidades extra-europeias – povos, topónimos, animais, árvores e plantas, produtos, actividades etc. – de origem americana (brasileira), africana e asiática, cujo conhecimento decorria do contacto com as gentes e a cultura dessas paragens. A abundância dos chamados "vocábulos exóticos" evidencia não só a miscigenação e as diferenças de raça, mas também a vivacidade de tão importante contacto intercultural e intercivilizacional, do qual a língua portuguesa foi testemunha e dá testemunho até hoje. Atente-se, por exemplo, nas "nuances" significativas apontadas por Monte Carmelo (p.93) a respeito dos termos "negra" e "preta", às quais não são estranhos alguns sinais de preconceito racial: "*Nêgra*, as. Alguns fazem diferença entre *Nêgra*, e *Prêta*; porque applicam *Nêgra*, &c. a brutos, e coisas inanimadas; e *Prêta*, &c. a mulheres, e homens de cór nêgra".

Vejamos agora alguns dos exemplos das influências mencionadas tanto na *Orthographia*, de Madureira Feijó, como no *Compendio de Orthografia*, de Monte

Carmelo. Da primeira, retirámos os seguintes, que significativamente nos dão conta das realidades e culturas asiática, africana e americana:

Emendas Erros

- "**Canequim**, panno da India." (p.234)
"**Cardamômo**, planta da India." (p.236)
"**Cotia**, pen. longa hum animal por modo de coelho no Brasil, e huma embarcação na India." (p.259)
"**Crioulo**, Croilo, o pretinho nascido em casa do senhor." (p.262)
"**Jacarandá**, hum pão do Brasil." (p.351)
"**Jalêa**, embarcação da India." (p.351)
"**Malaguês**, moeda da India." (p.387)
"**Mandiga**, e **Mandinga** são dous Reynos de Africa: e deste segundo he, que os negros são grandes feiticeiros, e usaõ humas bolsas, a que chamaõ **Mandingas**, para os não passar a espada." (p.388)
"**Mandiôca**, hũa raiz, de que comem os do Brasil como pão." (p.388)
"**Maracujá**, herba do Brasil." (p.390)
"**Mazagaõ**, praça nossa em Africa. Erro *Marzagaõ*." (p.394)
"**Mazômbô**, o que he filho do Brasil." (p.394)

Da obra do carmelita, destacámos, por sua vez, os seguintes exemplos:

- "**Azeróla, as.** Arvore, e seu fructo." (p.404)
"**Bainilha, as.** Planta da América Hespanhóla, da qual o fructo se-mistura no chocolate." (p.155)
"**Bambú, ús.** Certa cânna da India. Daqui *Bambua*, *aes*." (p.158)
"**Batéca, as.** He Melancia. Batéca he termo das Indias, que não se-deve usar em Portugal." (p.164)
"**Baxâna, as.** Arvore da India." (p.165)
"**Botóque** he hũa pedra, que os Índios metem na barba." (p.165)
"**Cabra, as.** No Brazil tambem significa homem, ou mulher, nascida de mulata e prêto, ou de preta e mulato." (p.188)
"**Cambója.** Reino da India." (p.189)
"**Cambolim, ins.** Droquete da India." (p.189)
"**Calambá, ás,** ou *Calambûco, os.* Pau oleoso, aromatico, e salutífero da Asia." (p.189)
"**Calômba, as.** Raiz amargosa de Africa contrafebril." (p.189)
"**Cogêlo,** ou **Quogêlo, os.** Animal de Africa semelhante a Crocodilo." (p.90)
"**Cabôclo, os.** Filho de mãe prêta, e de pae Americano." (p.187)
"**Coxim, ins.** Almofada." (p.307)
"**Curibóca, as.** Braziliense nascido de pae americano, e de mãe prêta. Tambem se-chama *Cabôclo*. Vide *Mazombo*." (p.193)
"**Engália, as.** Fera de Africa." (p.363)
"**Gazélla, as.** Animal do Oriente com pontas de cabra semelhante ao corço, ou gâmo, como cabra do Gerêz." (p.364)
"**Golabeira, as.** Arvore da America, que produz goiábas." (p.203)
"**Ichneumo, os.** Animal da India, semelhante a gato, ou a lontra, e certa especie de moscas." (p.347)

- "**Jambeiro, os** Arvore da India " (p 204)
 "**Jeropomonga, as** Serpente da America " (p 326)
 "**Mazômbô, os** Brazilense, filho de Europeôs nascido no Brazil Vid *Cunbóca* " (p 208)
 "**Pacôba, as** Arvore de Africa " (p 211)
 "**Pitômba, as** Fructo " (p 211)
 "**Pitombêira, as** Arvore do Brazil, que produz pitombas " (p 211)
 "**Sanzála, as** Habitaçâm de Indios, e Pretos da America " (p 415)
 "**Thé, es** Chá do Japâm Alguns chamam *Thé* ao Chá da China, e a outro qualquer Pouco us " (p 353)
 "**Umbú, ús** Planta do Brazil " (p 226)
 "**Urumbéra, as** Planta do Brazil " (p 226)
 "**Xá** Palavra Persiâna, que significa Rei *Chá* he herva bem conhecida " (p 315)
 "**Xamáta, as** Pânno da India " (p 315)
 "**Xarafim, ou Xerafim, ins** Moéda da India " (p 315)
 "**Zabucál, áes** Arvoredo do Brazil " (p 226)
 "**Zambeira, as** Arv de zambôas " (p 227)
 "**Zambúco, os** Certa embarcaçâm da India " (p 227)

Desta abundante presença ultramarina nos conspectos lexicais dos dois ortografistas, se depreende quão intensa e profunda era a relação da língua com a dispersão geográfica dos seus falantes e suas vivências quotidianas, se bem que muitos dos termos conhecidos e usados em boca dos portugueses, nas longínquas paragens por onde viajavam e se fixaram criando raízes, jamais circularam em Portugal, não tendo sido, portanto, integrados, em outros casos, porém, deixaram de circular devido à desvitalização ou substituição das realidades a que faziam referência

Apesar de não se enquadrarem numa inventariação geral do léxico, como são os dicionários de língua, os exemplos acima atestam claramente que a influência das culturas e da experiência ultramarinas havia sido assimilada pela norma linguística, para cuja delimitação e fixação as obras de Madureira Feijó e Monte Carmelo visavam contribuir. Devemos, no entanto, considerar a probabilidade de alguns dos vocábulos atrás indicados, os menos correntes em especial, terem sido colhidos em dicionários coevos dos ortografistas, ou anteriores a estes, facto que mereceria um confronto sistemático destas listas com as entradas dos dicionários.

3.2 Léxico e cultura europeia

Paralelamente à vigência do mundo ultramarino no léxico português setecentista, regista-se a referência a domínios lexicais decorrentes de influências culturais europeias, designadamente a francesa, que é denunciada por Monte Carmelo. De facto, este ortógrafo foi um observador atento da dinâmica linguística, como no-lo indicam as muitas observações pertinentes sobre a pronúncia da época, dando-nos a conhecer o grau de expansão de certos fenómenos; deixou-nos igualmente uma das primeiras classificações e descrições dialectais do português europeu – a primeira havia sido proposta, em 1721 (1ª impr., 228p.)/1725 (2ª impr., 356p.) por D. Jerónimo Contador de Argote nas *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Latina*,

ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza... –, na qual Monte Carmelo identifica com acerto os principais traços distintivos dos vários dialectos, acompanhados de saborosa ilustração. Quanto à recente transfusão lexical a partir de culturas europeias, é de salientar que o carmelita refere com muita clareza e acuidade, a introdução de galicismos, cujo uso excessivo denuncia. O combate ao galicismo tornar-se-á, de resto, um aspecto central da reflexão linguística setecentista, nomeadamente pela mão de Francisco José Freire, nas suas *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, de 1773, somente editadas na primeira metade do século seguinte (1842) por Cunha Rivara, director da Biblioteca Pública de Évora, onde se guarda o manuscrito do escritor arcádico. Perseguido o mesmo ideal de purismo linguístico, também o Cardeal Saraiva (1766-1845) reunirá muitos galicismos sob o título de *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella* (1816).

Ao apresentar os chamados “Nomes modernos”, Frei Luís do Monte Carmelo tece as considerações seguintes:

Alguns *Orthologos* usam dos seguintes Nomes *Egotismo, Tuísmo, Nostrismo, Vestrismo*, e *Suísmo*. *Egotismo* he o *amor proprio* da pessoa, a quem se-falla, ou de coisa sua. *Nostrismo* he o *amor proprio* das pessoas, que fallam, ou de hum, que falla por muitos, e de coisa sua. *Vestrismo* he o *amor proprio* das pessoas, a quem se-falla, e de coisa sua. E finalmente *Suísmo* he o *amor proprio* da pessoa, ou pessoas, de quem se-falla, e de coisa sua. A estes se-podem acrescentar outros modernos Nomes, e Verbos, que sam os seguintes. *Debóche*, isto he, *Demazia em comer, e beber*, ou *Desordem nas acções*. *Detalhe*, isto he, *Divisam*, ou *Distribuiçã*m de algum todo em partes, &c. *Galimacia*, isto he, *Discurso confuso*. *Passagem*, isto he, *Texto*, ou *Lugar do Livro*. *Remonstrança*, isto he, *Representaçã*m, ou *Discurso exhortatorio*, ou *Pathetico*. *Resúrce*, ou *Ressúrça*, isto he, *Remedio*, *Recurso*, ou *Meio para evitar algum fim*, &c. *Debóchar*, isto he, *Seduzir*, ou *Corromper moralmente*, &c. *Debóchar-se*, isto he, *Entregár-se aos vicios*. E finalmente *Engajar*, isto he, *Induzir com empenho, e efficacia*, *inclinár*, *Mover com actividade*, ou *Obrigar*. Todos estes Nomes, e Verbos ultimos derivados da *Lingua Franceza*, entram agora na *Moda*, como tambem os primeiros. **Nam escrevi todos estes Vocabulos nos Catalogos precedentes, nem em outro lugar deste Compêndio; porque nem me-atrevo a reprová-los, como Abusos, ou superfluos, nem tambem os-approvo, em quanto nam conseguirem universal aceltaçãm, ou ao menos hum grande uso de pessoas principaes, e eruditas. (p.724-5, o grifo é nosso)**

Aos exemplos aduzidos acima, em outro lugar do Compêndio acrescenta Monte Carmelo mais um exemplo com a mesma procedência: “*Conducta*, isto he, *Procedimento, Modo de vida*, &c. He *Térmo* da *Moda*, de que alguns usam sem necessidade, antes com bastante confusãm; porque este Nome significa diversas coisas na nossa *Lingua*, como já direi” (p.297-8). A seguir à entrada em que faz estas observações, aparecem mais duas, nas quais define os sentidos vernáculos: “*Condûcta, as*. *Térmo* da universidade. Salário de Cadeira pequena. Daqui *Conductário*, isto he, *Doutor*, que tem a referida *Condûcta*” e “*Condûcta, as*. *Conducçã*m de gente para a guerra, ou *Conducçã*m de outras coisas, como v.g. a *Conducta* da terra Santa” (p.298).

As palavras do ortografista carmelita sugerem-nos duas reflexões: a primeira tem a ver com o facto de que os seus comentários revelam a consciência da necessidade da sanção social das formas, quer dizer, esta é uma condição inerente à admissão de novos vocábulos no conspecto lexical; a segunda diz respeito à sensibilidade e intuição linguísticas do autor, que se traduzem numa fina apreensão da dinâmica dos usos e de seu estatuto social.

4 Epílogo

À vista das considerações e do depoimento dos ortografistas Madureira Feijó e Monte Carmelo, não nos restam dúvidas de que as listas de exemplos por eles fornecidas, com o propósito primordial de constituírem vocabulários ortográficos, excedem largamente esse escopo inicial, assumindo funções e características que as aproximam da prática lexicográfica e, até certo ponto, da prática terminográfica. De facto, ao incluírem informações de diversas naturezas – gramatical (género, número, categoria etc.), ortoépica, etimológica, assim como dados referentes aos níveis de língua ou registos, arcaísmos, regionalismos, variantes ortográficas etc. –, os dois ortógrafos injectam uma vertente dicionarística nas suas obras, que adquirem, por isso, o valor de verdadeiros exercícios paralexiconográficos. Num período de grande explosão dicionarística, tanto unilingue quanto bilingue (nomeadamente de confronto do português com outras línguas europeias), facto que poderá explicar-se pela urgência de codificação, não apenas ortográfica, mas linguística em geral, apoiada pela notável multiplicação de obras de índole metalinguística ao longo do século, estas manifestações de lexicografia e de terminografia, em consonância com os conceitos e o ideário da sua época, revelam inclusivamente o valor histórico-cultural das obras aqui examinadas. Disso quisemos dar um modesto testemunho, enquanto aguardamos a publicação dos restantes volumes do utilíssimo *Dicionário dos dicionários portugueses* (Messner, 1994, 1996).

GONÇALVES, M. F. Ancient Portuguese orthographies and paralexiconography in the XVIII century. *Alfa (São Paulo)*, v.40, p.103-117, 1996.

- **ABSTRACT:** *This essay aims at the analysis of two eighteenth century vocabularies (Feijó, 1734; Monte Carmelo, 1767) as exercises in paralexiconography or in unexplicit lexicography. With the purpose of evaluating the contribution of these inventories to the history of both lexicography and lexicology, two branches stand out: the inner structure of lexical inventories and the entries resulting from the assimilation of differently resourceful cultural data.*
- **KEYWORDS:** *Orthography; lexicography; lexicon; paralexiconography; microstructure; terminology.*

Referências bibliográficas

- BESSÉ, B. de. La définition terminologique. In: CENTRE D'ETUDES DU LEXIQUE. *La définition*. Paris: Larousse, 1990.
- CATACH, N. *Orthographe et lexicographie*. Paris: Didier, 1971. v.1.
- CENTRE D'ETUDES DU LEXIQUE. *La définition*. Paris: Larousse, 1990.
- GONÇALVES, M. F. Lexicologia e lexicografia: o testemunho de antigos ortografistas. In: COLÓQUIO DE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA, 1990, Lisboa. *Actas...* Universidade Nova de Lisboa, 1990a. p.242-7.
- _____. Notas para a história da pronúncia portuguesa. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 4, 1990, Porto. *Actas...* Porto: Associação Portuguesa de Lingüística, 1990b. p.145-54.
- _____. Algumas notas sobre a ortografia portuguesa no século XVIII. *Biblos*, v.67, p.263-73, 1991.
- _____. Para uma história da pontuação portuguesa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 8, 1992, Lisboa. Associação Portuguesa de Lingüística, Lisboa, 1992a. p.225-37.
- _____. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII*: para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: ICALP, 1992b.
- _____. L'orthographe portugaise: de la période étymologique auz réformes du XX^e siècle. *Liaisons-HESO (Paris)*, n.19/20, p.137-46, 1992c.
- _____. Lexicografia e ortografia no dicionário da Academia (1793). In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 20, 1993. Tübingen. *Actes...* Tübingen: Gunther Narr Verlag, 1993. v.4, p.651-64.
- _____. L'orthographe portugaise: histoire et système. *Travaux du SELF*, v.3, p.187-97, 1994.
- _____. Le groupe consonantique SC^{e,i} en portugais: étude synchronique et diachronique. In: XIX^e COLLOQUE INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE FONCTIONNELLE, 19, 1995. *Actes...* Coimbra: Faculdade de Letras, 1995. p.63-7.
- MESSNER, D. Contributions à la lexicographie portugaise. *Revue de Linguistique Romane*, v.58, n.231/232, p.388-401, 1994a.
- _____. *Dicionário dos dicionários portugueses*. Salzburg: Institut für Romanistik der Universität Salzburg, 1994-1996. 4v.
- SILVA, F. I. da. *Dicionário bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.
- VERDELHO, T. Portugiesisch: lexicographie (lexicografia). In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. v.2. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994. v.6, pte.2, p.673-92.